

LISBOA
15-FEVEREIRO-1920
ANO I-N.º 10

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

DEPOIS DA PAZ...



CARNAVAL DE 1920

Presente de Emérico Nunes

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: RUA ANCHIETA, 31
IMPRESSÃO: RUA DO SÉCULO, 43
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TELEPHONE-C: REDACÇÃO 5104
ADMINISTRAÇÃO: 5103

ADEUS Ó MASCARA! SENSACIONAL ENTREVISTA COM O SINDICATO GERAL DO DESCANÇO

Estes três dias de galhofa oficial, em que cada um se mascara daquilo que não é, dá vontade de rir, nos tempos que vão correndo!

Ora francamente, para que diabo são precisos estes três dias carnavalescos? Não andamos nós há seis anos metidos em mascaradas?

Quantos patifes conhecemos nós que se mascararam de homens de negócio e andam por aí vestidos de automóvel a dizer: — Não me conheceis?

Quantas pessoas desonestas nós vemos por aí em *custume* de batoteiro sem caracter nem ombridade, vestidos de pessoas decentes, com cada brilhante que até parece dizer: — Quem sou eu?

E a porção de desgraçados que sem terem força para uma malandrice nem coragem para uma falcatura, pessoas honestas que trabalham mas não podem fazer greve, que se mascararam forçadamente em mendigos, com as calças moribundas e as botas *in articulo mortis*, que nem a gente quasi as reconhece?

E o que se deu com os homens não se tem dado também com tudo?

O açúcar que é branco e que custava doze vinténs não anda para aí mascarado de selvagem a dezoito tostões o quilo?

Os eléctricos, que eram cómodos, não andam mascarados de casas de malta?

A política não lembra uma cégada com *pinocas*, *polícias*, *galegos* e tudo?

E as mulheres? A gente já nem sabe quais são as serias ou as cocotes! Mascaram-se á mesma, com joias pelo joelho e decotes pela barriga das pernas!

Ora não é isto tudo um carnaval!

Não andamos nós a pulhar-nos uns aos outros com revoluções, programas e empresas?

Então para que havemos de admitir estes três dias com o pomposo nome de Carnaval!

E muito riríamos nós se succedesse uma coisa muito engraçada que era o aproveitar-se estes três dias para cada um usar o fato que naturalmente lhe estava indicado!

Tinha piada!

Banqueiros vestidos de moços de fretes e capitalistas de bacamarte ao ombro!

Meninas com chinelas *d Severa* e respeitáveis burgueses de giga á cabeça?

Tinha uma certa graça!

Era um verdadeiro carnaval ao contrário!

Que diabo! Pode ser que isso aconteça!

Ora vão para a janela a ver se passa algum, mas antes quebrem os espelhos que tem em casa, por causa das dúvidas! As vezes... pode acontecer uma desgraça!

“NUEVO MUNDO,”

A revista ilustrada de Madrid, *Nuevo Mundo*, deu-nos a honra de reproduzir uma página do *Riso*. Como prezamos muito as gentilezas que nos fazem e ainda porque temos pelo *Nuevo Mundo* uma grande admiração, daqui lhe enviamos os nossos sinceros agradecimentos e homenagens pela sua amabilidade e pelas palavras que traçou ao nosso director artístico Jorge Barradas, que transcrevemos com muito orgulho:

“Jorge Barradas es uno de los más admirables humoristas portugueses. Dirige, además, el mejor semanario satirico de Lisboa, *O Riso da Vitória*, esa simpática revista que se enfadó un poco con nosotros porque dijimos que se parecia en el formato editorial e en algunos dibujos a periódicos alemanes, y porque adaptamos libremente al castellano un chiste suyo.

Pero nosotros admiramos sinceramente á Barradas y leemos complacidos *O Riso da Vitória*, porque está muy dentro de nuestra trayectoria espiritual... ¡tan espiritualmente latina!,”

Descendo a Calçada da Mandri-ce eis-nos em frente da sede central do Sindicato Geral do Descanço.

A ideia duma entrevista falca-nos a pedreira do cérebro e em dois pulos somos a falar com o Secretário Geral que nos recebe na cama.

— Algumas palavras para o *Riso*? Pois não! Se bem que a rapaziada bolchevista engalinha um pouco com a gazeta...

— Mas é porque não compreende! Nós apenas castigamos os poderes...

— Percebo... percebo e por isso estou ás suas ordens... Ora pergunte.

— Qual a opinião do Sindicato Geral do Descanço sobre a lei das oito horas de trabalho?

— Explêndida! Agora é que se entrou no verdadeiro caminho!

— Não acha pouco tempo?

— Para trabalhar? Não senhor! Nós até tencionamos propôr uma nova lei que dê só quatro horas!

— Só quatro! Mas então daqui a pouco não há trabalho!

— Nem faz falta! Dinheiro é que é preciso! Sem trabalho passa-se bem!

— Mas a indústria? O comércio! Morre tudo com certeza!

— E' a maneira de ficar a comida mais barata! Para que diabo é preciso o comércio? E a indústria? O tempo que se perde com essas coisas aproveita-se melhor fazendo notas!

— De sorte que a sua opinião é que o trabalho...

— Não é preciso para nada! O que se deve desenvolver é a fabricação do dinheiro! Depois há ainda outro caso. Você nunca ouviu dizer que há máquinas que não precisam mais que uma criança para as fazer mover?

— Sim, com um botão eléctrico...

— Pois muito bem, se houver máquinas para fazer tudo, a gente não precisa fazer mais do que crianças que as movam, e isto enquanto se não inventar uma máquina que também as manipule!

— E' assombroso!

— E' é! A vida futura será toda na cama! E então é que valerá a pena viver!

— Acreditamos mas enquanto não vem o futuro, temos o presente...

— Que já vai levando a sua volta! Olhe a conquista das oito horas já está feita, a das quatro falta pouco e... vá lá uma notícia que val causar sensação... Por estes dias devemos apresentar uma proposta para a remodelação do calendário!

— Ora essa?! Mas que calendário?

— Um inventado cá pela rapaziada e que há de dar grandes resultados! Chamar-se há o *Calendário do Povo Trabalhador*!

— Explique!...

— E' muito fácil! A semana passará a ter quatro domingos de descanso obrigatório e os três dias restantes serão devidos da seguinte forma: Cada dia vinte e quatro horas que por sua vez são devidas assim: Dezoito para dormir, com mais três para comer, vinte e uma, com mais duas para passear vinte e três!...

— E a outra que sobeja?

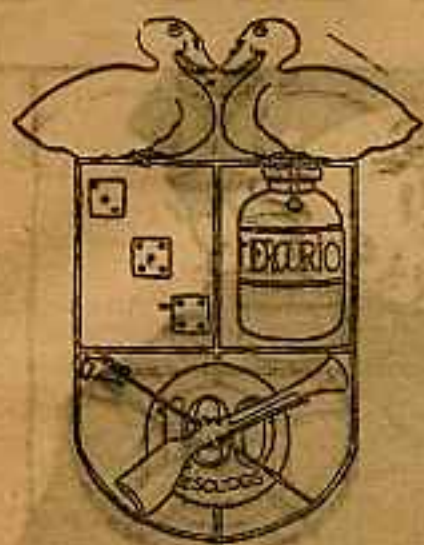
— A outra que sobeja é para trabalhar um dia sim outro não!...

Retiramos em boa ordem. Até dá vontade de nascer de novo só a gente lembrar-se do futuro que nos espera!...

ANDRÉ GODIN.

DAMIÃO & C.^{TA}
Casa unica no genero
ESPECIALIDADE
EM FATOS, VESTIDOS E CHAPEUS
PARA CRIANÇAS
57, Rua Garrett, 59
LISBOA TELEPHONE 2940





A que Club de Lisboa pertence este emblema?
Recortar e enviar com a resposta em verso a esta redacção.

Respostas recebidas

E' um Club da alta ródia
Bem repleto de aparatos.
Põe mercúrio nos seus dados
E o seu nome é o dos "Patos".

Vicente da Palhinha.

Tal qual uma revista
Vê-se logo em dois actos
Que o emblema que está á vista
Pertence ao Club dos Patos.

E. G.

A gente do tal Club
Não tem escrúpulos com dinheiro
E' Prêstes enchota os patos
Enchota os patos
Pró Limoeiro!

Claudino José Gonçalves.

Onde se perdem pacatos
Já ai vão declarados.
E' do Club dos Patos
O emblema publicado.

Camões II.

Depois de muito pensar
E de ver passar dois gatos
Descobri que este emblema
E' do Club dos Patos!

Eperas.

Nessa noite malfadada
Fizeram-se mil desacatos
Por causa dos dados falsos
Que são do Club dos Patos!

Um encravado.



O RISO DOS OUTROS



(Na «bicha» das tabacarias que já chegou ao Polo Norte).

— Amigo esquimau! Se queres tabaco vem para a bicha!

Do El Sol, desenho de BAGARIA.

CONCURSO DE CARICATURAS

AOS DESENHADORES! AOS ARTISTAS!

300 mil réis de prémios!

Ao concurso Gavarnis ignorados!
Concorrei Forains de Portugal!

Está aberto um concurso de caricaturas. Dada a índole do nosso jornal seria um crime não o fazer. Aos ignorados, aos tímidos, está franqueada uma porta para a imortalidade!

CONDIÇÕES

Os desenhos devem vir para esta redacção, com um pseudónimo, morada e a respectiva legenda.

Não são admitidos assuntos políticos nem pornográficos.

O formato dos desenhos não deve ir além de vinte e cinco por vinte e cinco.

Um júri classificará os três melhores aos que caberão respectivamente.

150 escudos — 100 escudos — 50 escudos.

Além destes prémios todos os desenhos que estiverem capazes disso, serão publicados no *Riso da Vitória*.

ESCAVAÇÕES SCIENTÍFICAS

A ÁGUA

A água é uma matéria líquida que serve para fazer caldo, deitar no vinho, lavar casas e fazer chuva.

A água divide-se em várias espécies, sendo as mais conhecidas a água-mineral, a água-pé, a aguarela e a água de colónia.

Ainda há outras qualidades, das chamadas perigosas para o alimento a saber:

Água-raiz, que serve para tirar nodos do feto.

Aguazil, que na idade-média era uma espécie de polícia de Segurança do Estado.

Água-furtada, (muito perigosa por se encontrar na parte mais alta dos prédios).

Há também *aguas-alcálicas* (do latim Calino-Calinus) e as bacte-

riológicamente puras (que são todas as que vão á análise.)

A qualidade mais conhecida entre nós é a *água da Companhia*, chamada assim porque é a única que não serve para beber, visto a grande companhia de micróbios que sempre a acompanha.

O sítio onde há água chama-se aguadeiro e também serve para fazer mudanças e levar cartas.

Quando os mahometanos deixaram a nossa península, os Kalifas mandaram enterrar toda a água em noços, sendo os mais conhecidos o Poço do Borratam e o Poço do Bispo.

Dantes a água vendia-se de graça e era potável, hoje vende-se a metro e perdeu essa qualidade imoral.

Ainda há uma outra espécie, é a chamada *água mole*, empregada para furar pedras.

Há quem aproveite a água para se lavar, mas essa moda caiu em desuso, por que a cidade *Água da Companhia* ainda deixava os corpos mais sujos.

A água em pedra chama-se... gelo e serve para fazer *água fresca* e capachos.

Aos doentes é também costume dar-se *água-forte* para fortalecer.

Em tempos houve em Portugal as *Águas-livres* que foram presas e meladas dentro de contadores, a fim de apodrecerem.

A água se for misturada com pão faz a *assorda*, alimento indígena adoptado pela Civilização, e se for misturada com *laranja* oferece o manjar do futuro, se as coisas continuarem assim.

PREMIÈRES

O MERCADOR DE VENEZA

OU

FERREIRA DA SILVA

ANTROPOFAGO

No primeiro quadro há um diálogo entre a D. Etelvina e a formosa Clementina, sob a direcção de Augusto Pina, depois de muita prosa, muda a scena para muitos figurantes a gritarem E' E' E' sobre a direcção de Augusto Pina, e o sr. Ferreira da Silva empresta dinheiro ao sr. Carlos Santos sob a direcção de Augusto Pina.

Intervalo sob a direcção de Augusto Pina e aparece o sr. Ferreira da Silva que é insultado pela multidão sob a direcção de Augusto Pina. Outro quadro é a D. Etelvina na casa com o sr. Carlos Santos sob a direcção de Augusto Pina.

Passa-se o outro quadro num tribunal da Boa-Hora sob a direcção de Augusto Pina e o sr. Ferreira da Silva quer um bocadinho do corpo do sr. Pinheiro que fica muito arreliado sob a direcção de Augusto Pina.

Ainda outro quadro que é uma espécie de rua da pouca vergonha onde todos dão beijos sob a direcção de Augusto Pina. No fim a D. Etelvina vem dizer coisas, que pelo eco parecia que eram versos e o pano cai sob a direcção de Augusto Pina.

BOECIO.

CRONICA

Ha um conto de fadas em que figura uma bicha de sete cabeças que tem o condão de, cada vez que lhe contam uma nascer outra imediatamente. Isto que parece a primeira vista não vir nada a propósito, dá-nos depois dum pequeno estudo, uma explicação que muito nos diz respeito embora sob outra qualidade de bicha.

Há tempos anunciou-se a falta de açúcar e logo nasceu a primeira bicha, depois foi o carvão que deu razão a outra, logo o tabaco, o pão e enfim tudo o que era indispensável se achou no direito de também ter uma bicha para seu uso e hoje, Lisboa parece mais um aquário de lombrigas do que uma cidade, tal a enormidade de bichas que se estendem pelas ruas. O governo decreta a importação livre e pensa assim cortar uma cabeça á bicha, mas logo os açambarcadores o compram e á bicha nasce nova cabeça. A companhia dos tabacos aumenta o preço (que para isso é que ela é companhia). Fica outra cabeça cortada? Fica, mas logo nasce outra vez porque o tabaco vai todo para Espanha e para as Batotás!

Agora fala-se em que novamente o Estado vai tomar conta do comércio, o que apenas tem em vista cortar outra cabeça á bicha, mas nós havemos de ver como ela logo aparece surgindo talvez do próprio Estado!

Caros leitores, é inutil lutar com os poderes ocultos! Uma vez que as bichas entraram na nossa vida o melhor é deixá-las viver á vontade não vá alguma transformar-se em bicha de rabiar e depois não aparece ninguém que mate a bicha...

As meninas dos telefones resolveram ir para a greve não ligando mais ninguém.

Pois senhores, se não fôsse pela leitura dos jornais, a gente nem tinha dado por isso!

Acostumados como estamos a não nos servirmos dos telefones, porque por um galego fala-se muito mais depressa, a greve das meninas impedidas passa tão arredia que é até caso para lha agradecermos.

Ao menos assim com a greve já nós não temos a idiota ilusão de que os telefones são para falar e já não estamos sujeitos a endoidecer de repente com a monomania do — Está lá? Está lá? Está lá?

Camaradas sapateiros resolveram decretar dez escudos obrigatórios por dia!

Achamos bem! Com as botas a 30 mil reis, pode lá alguém viver com o ordenado que eles tinham?!

Achamos bem! Agora que tudo tem valor, que tudo sobe de preço, que todas as coisas têm o seu lugar marcado por mil reis, é justo que também os cofros ocupem o lugar a que tem direito!

Estar um homem a queimar os miolos para aprender o ofício de sapateiro, cursando escolas, mettendo grossos compêndios dentro da cabeça, gastando um dinheirão enorme em despesas de apresentação, ser obrigada a andar de calças vincadas e colarinhos engomados para, quando ao fim de largos

anos de estudo começa a ganhar alguma coisa, avesar uma ridícula, era uma vergonha!

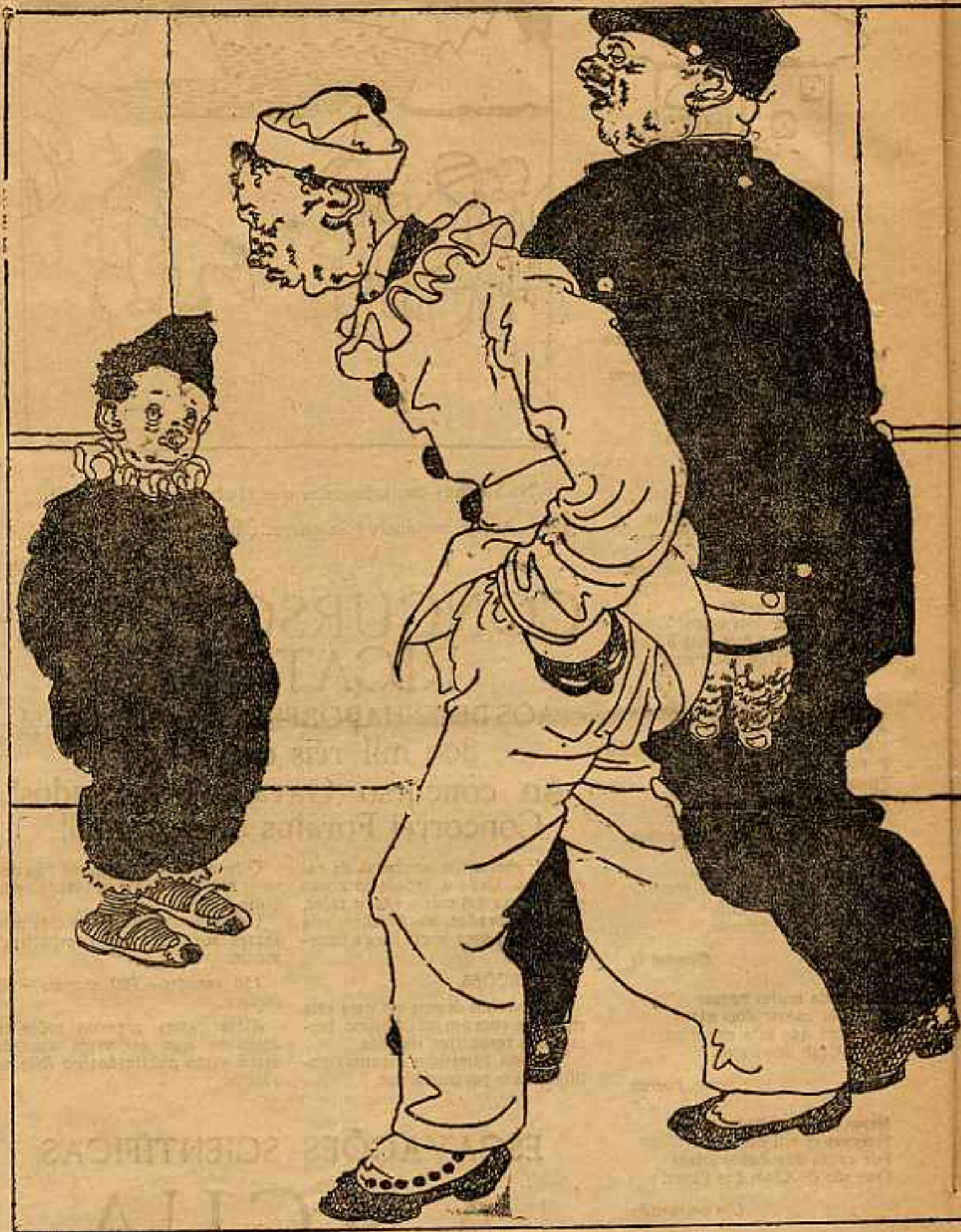
Não pode ser!

Nós até achamos que dez escudos é pouco! Nós se tivéssemos tido a fortuna e a inteligência de aprender a arte de deitar meias solas, não só pediríamos muito

mais como também automóvel e uma cocote cara para nos dizer gracinhas!

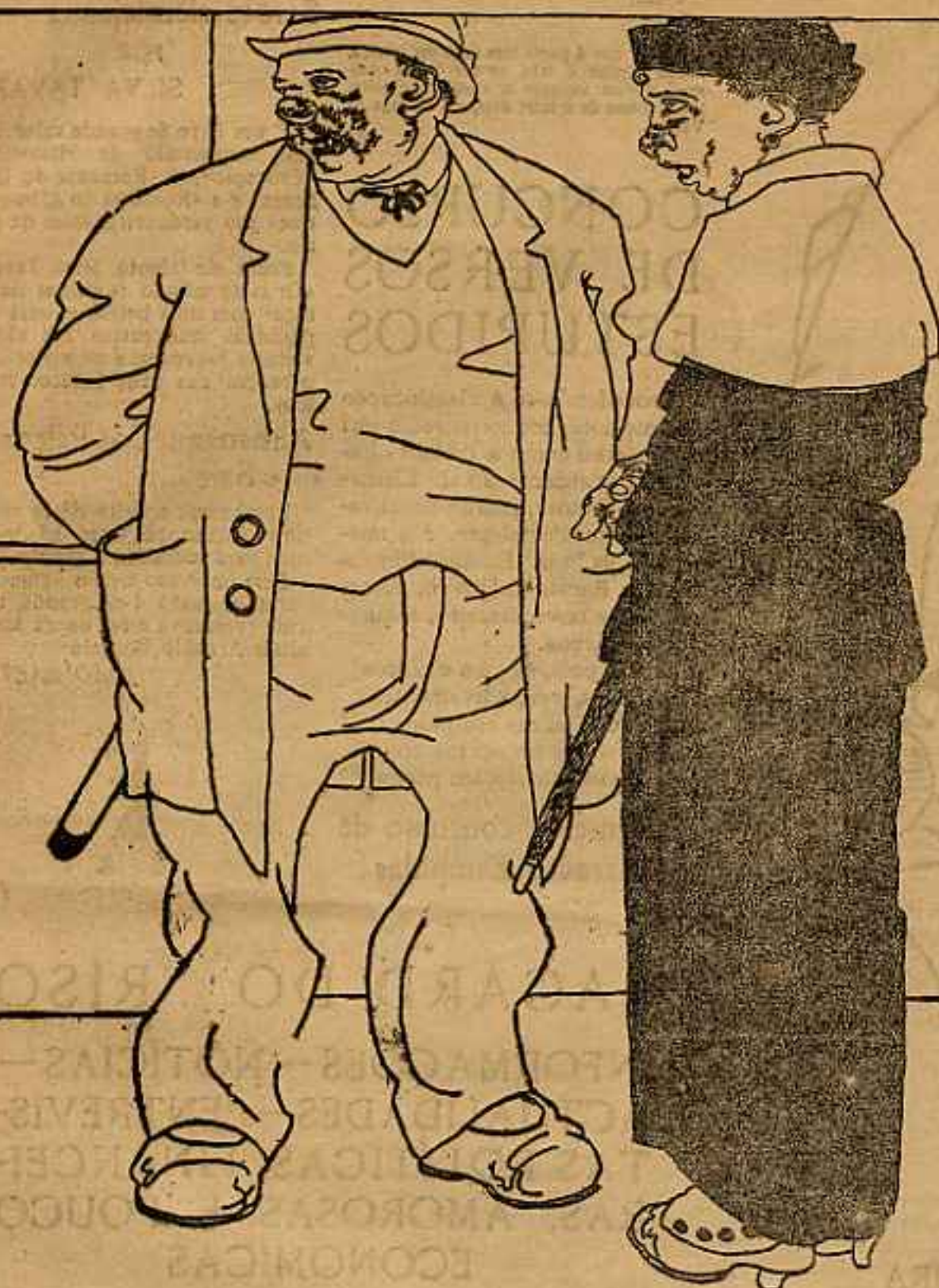
Mas enfim, pode ser que a classe reconsidere e faça compensar o seu longo e aturado valor na confecção das ilhoses e das tombas!

Ainda não é tarde para ver-mos o Ex.^o Senhor Sapateiro sentado



— Aquêlê gatuno vai preso por se ter vestido d
— Se êle se tem vestido de açambarcador, po

PREVISÃO...



JORGE
BARRADAS
220

CRONICA

está mais do que nenhuma com o credo na boca.

São as cocotes!

Elas coitadas, estúpidas e desageitadas como são, tinham alimentado a doce esperança de existir sempre uma batota e por consequência um felizardo que lhes pagasse cinquenta mil réis por uma hora de carícias! Tinham sonhado isso, e já de há muito enveredavam pelo caminho da toleima, deixando de ser mulheres para se fazerem comerciantes, abandonando os antigos conhecidos para apenas conhecerem os arrojados vendedores de coisas pútridas sob vagão!

De maneira que o horizonte fál-as pensar um pouco no fatal dilema e já ontem duas conversavam:

— O' Nazaré, ouvi dizer que a batota ia acabar!

— Também eu! Isto é que vai ser um sarilho!

— Mas ainda tu não sabes o pior!

— Pior do que ter que empenhar os brilhantes?

— Sim! Muito pior!

— Então o que é?

— Dizem para aí, que os homens que nós agora já tínhamos feito de conta que não conhecíamos, se vão juntar em sindicato para fazerem agora de conta que também não nos conhecem!

— Então lá volto eu a estregar cascas?

— E eu para criada de servir! Então que queres, ó Adriana, já nem cocote cá se pode ser!

LINDA!

Sim, é linda! O seu rosto sedutor,
Risonho como as minhas esperanças,
Lembra, na ingenuidade, o das crianças
E, na graça, suplantia muita flor.

Seus olímpicos seios de alva cor
São duas naves corcêrinhas mansas,
São de ouro antigo as suas longas tranças,
De Vênus é seu colo tentador...

Tem seu olhar uma doçura infanda,
Sai-lhe da boca lída e cantadeira
Melódica voz, que o gesto ainda...

Mas, ó verdade amarga e traiçoeira!
O que lhe dá maior encanto ainda
São os contos de réis de que é herdeira.

BRAMÃO DE ALMEIDA.



MENEZES FERREIRA

Novamente este ilustre artista, que uma actual exposição no Salão Bobone acaba de guindar ao trôno dos consagrados, quis honrar as páginas do *Riso* com uma das suas brilhantes produções.

Ao artista e ao amigo os nossos sinceros agradecimentos.

er vestido de «pierrot» para roubar carteiras!
ador já podia roubar à vontade!

no «maple» dizendo para o ajudante:

— O' senhor engenheiro! Passe-me para cá o cerol!

Os Clubs estão a apanhar cada encontrão que qualquer dia ninguém os aguenta em pé!

As roletas já sentem os cavalos

aos colcos, as bancas francesas já veem que o peixe e carne azeda, e aos batoteiros já se lhes afigura que está para chegar um tremor de terra.

A campanha contra a arte de perder ao jogo é geral. Os pontos quando deixam as fixas sobre o pano verde, olham para traz com

medo que lhe deem uma cacetada, e os directores, gerentes, mestres-salas, ficheiros e pagadores olham de lado e afirmam;

— Parece que anda para aí uma trabuzanada no ar!

Mas no meio de toda esta gente que se apavora há uma espécie que

NO MESMO ESTILO...



XIX

AFONSO LOPES VIEIRA

O canário
Sem mudar de horário
Faz dias a fio:
Pio, Pio, Pio, Pio, Pio!
Já de manhãzinha
Mal o sol se avista
Ele pede alvista
Lá na gaiolinha!
E vendo um talinho
Come sem fastio
Pio, Pio, Pio, Pio, Pio!
Tão devagarinho
Como pequeninos
Sinos!

As baratas
Só andam de gatas
Não fazem barulho!
Logo á noitinha
Vão ao entulho
Da cozinha
De lés a lés,
E é um regalo
Ouvir-lhes o estalo
Debaixo dos pés!

Táu, táu, táu!
Que bicho tão mau!

E a pulga?
Ninguém julga
Que tão pequenina
Ela dê saltos
Tão altos
Que, coitadinha
Embora não pareça,
Pode quebrar pela espinha
E ás vezes parte a cabeça!
Quando o vento
Num lamento
Ruge
Muge
Na janela,
A gente salta da cama
E chama a ama
Que vem logo á caça dela!
Numa arremetida
Faz dela uma loreida
E deita-a no brazeiro
Sem dó algum!
Coitadinha

Da pulguinha!
Bicho de mau agoiro,
Dá um estoiro
Que nem um pandeiro,
Pum!

Dizem que é poeta mas deve ser intriga.
Muito direito e frio, se um dia os «Ani-
mais nossos amigos» o apanham a geito,
São capazes de o fazer dançar a «Dança do
Vento».

CONCURSO DE VERSOS ESTÚPIDOS

Procedendo-se á classificação
dos melhores concorrentes, o júri
estabeleceu como a melhor qua-
dra a pertencente ao sr. Eleuté-
rio José Simões, guarda-fiscal, re-
sidente em Portalegre, e a im-
ediata á ex.^{ma} sr.^a D. Alice Pimen-
ta, Rua Barata Salgueiro, núme-
ro vinte e nove, terceiro, esquer-
do, em Lisboa.

Estão, pois, os cem e cincoe-
ta escudos, respectivamente, n-
ordens dos felizes estúpidos. ds

Que todos os outros conc-
rentes não entristeçam porqu or-

Brevemente concurso de
Charadas Estúpidas

O RISO DA VITÓRIA

DE CACETE Á ESQUINA

Serões alemtejanos

POR
SILVA TAVARES

É um livro de grande valor. Sin-
gelo compêndio de História, a
«Evocação», o «Romance de Dona
Ignês» e a «Resposta do Albuquer-
que» são verdadeiras joias de poe-
sia.

Poeta de talento, Silva Tavares.
«Grita ao mundo as quinas da sua
raça» com uma beleza e uma sim-
plicidade que justos lhe são os
maiores louvores, e as maiores es-
peranças nos seus futuros traba-
lhos.

Almanaque dos Palcos
e Salas

Recebemos a visita deste conhe-
cido Almanaque que há longos
anos vem trilhando a existência.

Bem impresso e com ótimas gra-
vuras, o texto é de grande utili-
dade recreativa e faz honra ao seu
editor Arnaldo Bordalo.

JOÃO BAETA.



PLACARD DO "RISO",

INFORMAÇÕES — NOTÍCIAS —
ACTUALIDADES — ENTREVIS-
TAS POLÍTICAS, FINANCEI-
RAS, AMOROSAS E POUCO
ECONÓMICAS

Diz-se que o Governo, no lou-
vável e patriótico propósito de de-
belar a crise que o país atravessa,
rezolveu o seguinte:

Mudar as denominações de al-
guns dos ministérios existentes,
que vão passar a ter as que abai-
xo se transcrevem:

Ministério da Paz (ex-guerra).
Ministério da Ignorância Pú-
blica (ex-instrução).
Ministério da Injustiça.
Ministério do Pouco Trabalho.
Ministério da Incultura (ex-
agricultura).
Ministério das Finanças Ava-
riadas.
Ministério do Comércio e da
Falta de Comunicações.

Além disto serão criados outros

ministérios, entre os quais o da
BATOTA NACIONAL, com a Di-
recção Geral da Roleta e a Direcção
Geral da Banca Francesa e com vá-
rias secções de Bacard, Monte, etc.;
por fim será criado o MINISTÉRIO
DOS MINISTROS que já repre-
sentam, também, uma numerosa
classe.

O RISO DA VITÓRIA

Publica toda a colaboração que lhe
for enviada nas seguintes condições:

Deve ter graça.
Ser escrita em português.
Não ser pornográfica.
Relativamente pequena.
Não meter política.

Que sirva isto de aviso a todos quan-
tos nos façam com pederneiras.

O CARNAVAL DAS MENDONÇAS

OU

CADA UM CUMPRE O SEU FADO
NINGUEM FOGE AO SEU DESTINO



— O' Manuela! Veem ali uns rapazes que teem cara de quem traz chorolates!

— São bonitos?

— Um tem um tipo muito fino!

— Vamos dar-lhes sorte! Chama a Palmira! Onde estão os saquinhos?

— Olha o melhor é atirar primeiro sacos de milho e se eles atirarem coisas, então atiramos os saquinhos de seda!

Foi uma verdadeira apoteose de chita e milho por cima dos cinco mancebos que de alfofa na mão olhavam a janela.

— As gajas não atiram nada que preste!

— Espera lá que eu mando este ramo de violetas para ver se elas se desdozem!

— Foi mesmo num olho!

— E' para mim! E' para mim!

E o pagode estúpido seguiu no meio de risinhos forçados e debrucadelas exibitivas.

A voz da mamã, a Dona Francisca Mendonça, veio por fim á orgia.

— Então meninas! Vão-se vestir que o vosso pai já está pronto! Não tardam por aí as Correias!

Encaixaram as três mocidades para dentro dos quartos respectivos a fim de se mascararem.

A Ernestina tinha escolhido um

fato de toureiro que lhe ficava que nem uma luva de polícia, a Palmira envergava uma *Fada do Esquecimento*, que era um amor de estupidez e a Manuela, mais dada a romances, escolhera uma *Inês de Castro* capaz de envenenar um bacillo.

O pai Mendonça, querendo também dar luzimento á festa, envergava um *Napoleão* destemido, e até a D. Francisca escolhera uma *Noite* que só lhe faltava falar!

Aquella tarde carnavalesca no quarto andar da Rua da Sociedade Farmaceutica, ia com certeza ficar na história!

Uma sacudidela na campanha da porta, e as *Correias de tebes, Domitios e Lavradeiras*, irromperam:

— Quem sou eu? Quem sou eu? — tudo numas vozezinhas de flauta com fundilhos que era de arrepiar.

— O' seu Mendonça — comentava o *Correia* pai, dentro dum fato de *Gladiador* — Você está um *Napoleão* por uma pena!

— Por uma pena de ter o chapéu tão grande — acudiu a D. Francisca, agitando o véu estrelado.

— Você de *Agitador* também está bom!

— Qual *Agitador*! *Gladiador* é que é! O que me incomoda é o

manto prender-se nos cabelos das pernas!

— E' boi! E' boi! — gritava a Ernestina apresentando a capa ao pai.

— O' menina — repreendeu o Mendonça — olha que está cá gente de fóra! Guarda isso para quando estivermos sós!

Chegaram vários rapazes muito divertidos, destes que comem os pasteis inteiros, imitam o miar do gato e apalham as raparigas com muita perfeição.

— Um baile! Um baile!

E o piano gemeu uma maxixe com tanta aflicção, que parecia que lhe tinham arrancado os dentes.

— Quem diabo é aquêlê sujeito mascarado de *cadete* que anda a dançar com a Ernestina? — perguntou o Mendonça.

— Não é mascarado! E' um *cadete* a valer!

— Como eu estou da vista! Daqui parecia mesmo que era mascarado!

O *cadete* em questão aproveitava o maxixe para fazer o que todos fazem, enquanto dizis:

— Não me importava de ser touro só para correr a direito para aí!

— Então case comigo! respondia a Ernestina quebrando tanto que até estalava.

— O' cavalheiro — interrompeu o Mendonça — se está acostumado a dançar com *matrongs* vá para lá, que isto aqui é casa de gente séria!

— Mas senhor general...

— Qual general nem meio *Napoleão*! Se eu fosse general a valer já o tinha mandado fuzilar e meter na Torre de São Julião da Barra! Seu... apalador de pessoas decentes!

— Mas... *mon cher Bonaparte*...

O RISO DA VITORIA

— Que foi numa boa parte sei eu! Oraças a Deus não sou cego!

— Este senhor estava a dizer que eu era tal qual o Belmonte — choramingava a Ernestina...

— E como éle se chega muito para os touros...

— Mas isto aqui é tourada ou é uma família honesta! Seu pulha!

— O' Joaquim! — acudiu a Dona Francisca.

— Cale-se! Você é *Noite* e as noites não falam!

— O senhor *Napoleão* tem que explicar essa coisa de pulha — gritava o *cadete* aspirante ás carnes da Ernestina.

— Eu explico-lhe mas é uma bofetada na cara, seu soldado de chocolate!

Como ao *cadete* custasse a engulir aquêlê soldado de chocolate, um pontapé puxado com toda a succulência atirou com a barriga do pai Mendonça para cima do tapete. Os rapazes dividiram-se em dois grupos e foi um desabar de socos e pontapés como quem se despede dêste mundo.

A *tourreira* tinha sido colhida num joelho, a *Fada do Esquecimento* tinha metido a varinha do condão nor um olho, a *Inês de Castro* gritava ó da guarda.

Apitos, protestos de toda a gente pacata da Rua da Sociedade Farmaceutica até que uma hora depois tudo socegou, e a família Mendonça ficou abandonada num deserto de cadeiras partidas e móveis quebrados.

— Que vergonha! — dizia a Manuela, concertando as tranças da linda Inês.

— A culpa foi do papá! O rapaz não me fez nada!

— Então eu não reparei! Eu até estava a vêr quando éle te saía do outrolado!

— Que noite! Que vergonha!

— Então! — pontificou o Mendonça — Tinha que ser! Isto se calhar foi do fato!

— Do fato? — perguntaram todos em orieon.

— Sim! *Napoleão* não teve o seu Waterloo! Pois muito bem! Eu tive o meu rua da Sociedade Farmaceutica, que é a mesma coisa!

LUIS DE SOUSA

AS CAVEIRAS DE PAPEL DE SEDA AZUL

Grande film cinematográfico em seis episódios e doze partes

PRIMEIRA PARTE

Na caverna das serpentes vegetarianas

No sótão dum alto prédio de New-York existia um subterraneo misterioso que servia de morada a uma cambada de ladrões conhecidos pelos *Caveiras de papel de seda azul*, que tinham adoptado esse título em vista de escassez de tecidos.

Policarpo, o chefe dos bandidos, era ao mesmo tempo dentista-amador numa barbearia da Avenida

348456 e nesse dia a sua cliente Faustina (miss Edit Time la Money, do *All Right Theatre*) apresentou-se á hora da consulta. Faustina era filha naturalíssima do banqueiro Souto-Menor, e estava para atrapalhar a vida de Ton Bluff, engenheiro duma sapataria manual, casando com éle.

Policarpo, o chefe dos *Caveiras de Papel de Seda Azul* andava á cóca a fim de surripiar a donzela e pôr toda a sua troupe ao abrigo da miséria com o dinheiro do banqueiro seu pai.

CARNAVAL MODERNO



— Já te matei! Tinhas ha três anos um lugar de hortaliça na Praça da Figueira!

(DESENHO DE MENEZES FERREIRA).

Desatava febrilmente a sua blusa preta quando o criado veio anunciar a visita de Faustina. Faustina radiante de beleza e de saltos á Luiz XV, fez-lhe um grande cumprimento e sentando-se na cadeira hidráulica que servia ao dentista para fazer boa boca aos clientes, abriu os lábios deixando ver trinta e seis dentes em bom estado de conservação e limpeza.

Policarpo, fazendo um gesto de *Aché!* dá a Faustina uma pastilha de clorofórmio dizendo-lhe que era hortaliça-pimenta, e a pobre donzella perde os sentidos provisoriamente. Acto contínuo, Policarpo abre a boca á imberbe criança e constata que a joven ainda tinha o dente cizo. Saca dum guindastre sem fios e num abrir e fechar de olhos rouba-lhe o dente.

Então, contente com a sua obra, Policarpo puxa dum postal illustrado e escreve «Quem se atrever a procurar o dente morre de fraqueza em vinte e quatro horas! (ass) Policarpo — O Chefe dos Caveiras do Papel de Seda Azul.»

Fim da 1.ª parte

SEGUNDA PARTE

As Caveiras de Papel de Seda Azul

Tom Bluff, que tinha muito mau génio começa desconfiando que aquella coisa do dentista era peçonha e dirigindo-se á loja de barbeiro, entra, encontrando Faustina

perfeitamente desmaiada nos braços da cadeira.

Dando um sóco formidável no ar, Ton despeja-lhe sobre as fontes um contador de água e então, com os cabelos completamente hirtos, lê o fatal bilhete postal illustrado.

Entretanto, no subterrâneo do sótão, a quadrilha dos marotos constata com surpresa simultânea que Policarpo ao roubar o dente não tirára as raizes e que portanto Faustina, não tinha perdido o juizo em toda a estensão.

Resolvem voltar ao consultório e é então que Ton vendo na sua presença aqueles sujeitos que não lhe tinham sido apresentados, brincha-os com sócos, pontapés e dentadas que até faz aflicção. Aquelle Ton tem muita força graças a Deus e já os inimigos recuam quando

Policarpo entrando por uma escadaria secreta que está disfarçada no autoclismo atira com uma bomba de clorato á barriga de Ton que cêe em espiral, levando Policarpo a Faustina em charóla.

Os marotos teem uma bicicleta preparada na rua e então Policarpo disfarçando-se rapidamente em chefe de repartição aparece com Faustina nos braços e montando na máquina, foge inconcebivelmente.

Ton jaz inanimado. Os Caveiras de Papel de Seda Azul acham-lhe piada e vão esperar o eléctrico.

Fim da 2.ª parte

Perderá Faustina completamente o juizo? Ton morre ou está a fingir? Sabe-lo-emos no próximo episódio.